

RUÍDOS DO SILÊNCIO: *O CEMITÉRIO DOS VIVOS* E A FIXAÇÃO DA AUTORIA DE LIMA BARRETO¹

João Pedro Missi PEREIRA

Orientadora: Profa. Dra. Orna Messer Levin

Resumo: Este artigo analisa a fixação da autoria do escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) no cânone literário brasileiro. Pesquisando a partir de *O cemitério dos vivos*, obra decorrente dos testemunhos do escritor em sua última internação no hospício, este estudo investiga a presença do autor e da obra em questão em periódicos de 1920 a 1922, bem como nos paratextos editoriais das sete edições existentes desse livro, de 1953 a 2017, buscando entrever tanto a recepção vivenciada pelo escritor, quanto o manejo póstumo desse livro. Frente ao tratamento de silêncio historicamente imposto à obra barretiana sobretudo depois da morte do autor, as conclusões desta pesquisa apontam uma possível repetição desse silenciamento durante o reacionarismo da ditadura militar brasileira, o que coaduna com a concepção de Lima Barreto como um autor militante.

Palavras-chave: “Literatura Brasileira”, “Lima Barreto”, “Autoria literária”, “Paratextos editoriais”.

1. APRESENTAÇÃO

Durante muitos anos de sua vida, nas primeiras décadas do século XX, o escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) conviveu com os ditos “loucos” da sociedade brasileira. Travando já na infância o primeiro contato com essa específica parcela marginalizada dos habitantes do Rio de Janeiro,² foi apenas na fase adulta que o autor conheceu empírica e sofrivelmente a realidade dos hospícios cariocas daquele momento. Em 1914, Lima Barreto foi compulsoriamente internado no Hospital Nacional de Alienados (HNA), antigo Hospício Dom Pedro II, na Praia Vermelha. Depois de três meses de estadia por lá, retornou ao seu ofício de amanuense da Secretaria de Guerra, cargo burocrático que concorria com sua carreira de escritor e jornalista, na qual Lima depositava esperanças de sucesso e reconhecimento. Contudo, alguns anos depois, na noite de Natal de 1919, ele voltaria para dentro dos muros do HNA, permanecendo por lá até o começo de 1920.

Nas duas ocorrências, Lima Barreto produziu muita literatura. Em contos, crônicas, diários, romance inacabado e, até mesmo, entrevista, o escritor do bairro de Todos os Santos não refreou sua vontade de comunicar, e sobretudo *denunciar*, a árdua vivência em um dos maiores hospitais psiquiátricos brasileiros daquela época. Dentre os contos,

1. Esta pesquisa contou com o essencial apoio do Acervo de Coleções Especiais e Obras Raras da Biblioteca de Obras Raras Fausto Castilho (BORA/Unicamp), cuja cooperação possibilitou a consulta das edições de 1953, 1956 e 1961 de *O Cemitério dos Vivos*, de Lima Barreto. Todas as referências a esses materiais contidas neste artigo são, logo, pertencentes ao acervo mencionado acima.

2. Cf. SCHWARCZ, L. “Vivendo nas Colônias de Alienados da Ilha do Governador”. In: SCHWARCZ, L. *Lima Barreto – Triste Visionário*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.

podemos citar o clássico “Como o ‘homem’ chegou” (1915), relato visceral das primeiras horas da hospitalização do “louco”, repleta de violência e descuido por parte dos agentes de saúde. Para além disso, ficou conhecido o *Diário do Hospício*, um conjunto de notas esparsas feitas em vários pedaços de papel durante a segunda internação do autor. Inicialmente publicado junto ao seu *Diário Íntimo*, como parte integrante desse, o *Diário do Hospício* consagrou-se em conjunto ao romance inacabado *O Cemitério dos Vivos*, narrativa de ficção baseada nessas últimas anotações e composta nos meses subsequentes à saída do hospital em 1920.

Em novembro de 1922, Lima Barreto morreu aos 41 anos, vítima das complicações do alcoolismo, desenvolvido durante boa parte de sua vida adulta e que ajudou a justificar suas internações nos hospitais psiquiátricos. Com ele, morreu também qualquer possibilidade de publicação – ou antes, de conclusão – de *O Cemitério dos Vivos*, decretando para sempre a sua característica de incompletude. Apesar de ter tido seu primeiro capítulo veiculado na *Revista Souza-Cruz*, em 1921, a edição em livro desse romance ocuparia as estantes das livrarias apenas em 1953, isto é, espantosos 31 anos após a morte do autor.

Essa certa inércia editorial que compôs esse período foi denominado pelo campo de estudos barretianos como *silenciamento*, ou seja, o arquivamento de quase toda a obra de Lima Barreto, sustentado pela crítica literária nacional. Crítica essa que, tensionada por tendências oitocentistas e herdeira de um passado realista-naturalista,³ encontrava-se dependente do discurso jornalístico para desenvolver suas atividades e alcançar seu público-alvo. Trata-se, então, de uma dependência atrelada aos periódicos, os quais reduziam as possibilidades de uso dos gêneros textuais, limitando o aprofundamento do crítico nas obras analisadas; bem como do saudosismo desse a um passado estético parnasiano cujo rigor rejeitava quaisquer rupturas formais. Nesse sentido, o silenciamento de Lima Barreto passa a ser edificado, em boa parte, pela (re)ação do próprio campo intelectual do autor, que ia de encontro às inovações da obra barretiana, sobretudo o personalismo e a defesa da literatura como ferramenta de denúncia social. Marginalizada,⁴ portanto, sua autoria só foi resgatada na década de 1950, por meio do trabalho do jornalista Francisco de Assis Barbosa, primeiro biógrafo do escritor. Como autor militante, Lima Barreto viria a ser reconhecido apenas em meados de 1970-1980 sob a influência da Nova Crítica,⁵ com a ajuda de nomes como Antonio Candido, Alfredo Bosi e Eugênio Gomes, por exemplo.

3. CÂNDIDO apud MARTHA, Alice Áurea Penteado. “Lima Barreto e a crítica (1900-1922): a conspiração do silêncio”, *Revista de estudios literários*, Universidad Complutense de Madrid, p.03

4. Cf. MARTHA, *op. cit.*, p.04: “O traço imediatista e institucional desse tipo de crítica tanto pode promover o autor e sua obra, como concorrer, pelas mesmas duas características, para a marginalização de ambos.”

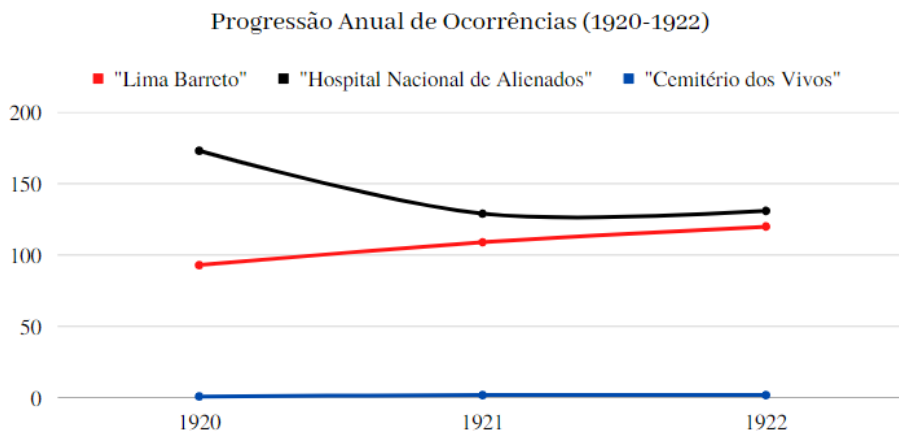
5. CAMARGO, Luciana de Cássia. *Silêncio em movimento: Memória e criação literária em O Cemitério dos Vivos e no Diário do Hospício, de Lima Barreto*. Dissertação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2006, p. 07.

Este artigo organiza-se a fim de analisar e comparar os diferentes discursos crítico-editoriais ao longo da história de publicação de *O Cemitério dos Vivos*, de forma a entender as maneiras como se construiu a autoria de Lima Barreto entre a transição do século XX e XXI e, também, em que medida o livro em questão influenciou no processo de fixação dessa autoria no cânone literário brasileiro.

2. PERIÓDICOS E PARATEXTOS EDITORIAIS: METODOLOGIA E ANÁLISES

Este estudo concentrou-se na coleta de dados quantitativos sobre a história de publicação de *O Cemitério dos Vivos*, seguida de análises qualitativas de parte das informações coletadas e, por isso, os resultados são, sobretudo, de caráter expositivo.

Em um primeiro momento, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foram conferidos doze periódicos em que Lima Barreto contribuiu durante a sua vida. Com isso, foram conferidas a frequência de citação de três palavras-chave: “Lima Barreto”, “Hospital Nacional de Alienados” e “Cemitério dos Vivos”, respectivamente. Buscando identificar a presença de Lima Barreto nos jornais e revistas de sua época, chegou-se a uma média do número de vezes em que cada palavra-chave se repetiu em cada um dos três últimos anos de vida do autor:



Com isso, é possível identificar que o escritor, naturalmente, é menos discutido na imprensa do que o HNA, enquanto *O Cemitério dos Vivos* raramente é mencionado – sua presença nos jornais é quase restrita ao momento da publicação de seu primeiro capítulo na *Revista Souza-Cruz*, em 1921. Quanto ao comportamento das curvas do gráfico, pode-se perceber que a presença de Lima Barreto nos periódicos tende a aumentar conforme aproxima-se o ano de sua morte, em 1922. Isso se dá seja por meio da publicação de

crônicas e contos autorais nas revistas *Careta* e *A.B.C.*, por exemplo; seja pela menção de seu nome em textos de terceiros, que muitas vezes o criticavam; seja também pelo considerável número de obituários que o homenagearam por ocasião de sua morte. De qualquer forma, é curioso observar a diminuição de textos sobre o Hospital a partir do fim da segunda internação de Lima, em 1920; tudo isso em concomitância ao crescimento do número de citações do nome do autor até 1922.

Depois disso, buscando identificar e analisar as características de seus paratextos editoriais, foram consultadas sete edições de *O Cemitério dos Vivos*, publicadas entre 1953 e 2017 (ver “Galeria de imagens 01”). Com isso, tomando como base esse livro, mapeou-se o desenvolvimento da crítica literária especializada em Lima Barreto após o período de silenciamento sofrido pelo autor, isto é, da metade do século XX até a segunda década do século XXI. Comparando os paratextos, há uma variedade de características editoriais, que se repetiram ou não a cada reedição do livro em questão (ver “Tabela 01”). Por exemplo, o inventário da Limana, a biblioteca do autor, aparece nos anexos da primeira edição, em 1953, e consta também nas próximas duas, em 1956 e 1961. Por outro lado, a edição de 1956 tem a exclusividade de uma sobrecapa. Mas em todas elas o *Diário do Hospício* acompanha *O Cemitério dos Vivos*, em um movimento assertivo dos editores quanto à íntima relação entre realidade e ficção na produção literária extremamente personalista de Lima Barreto.

Alguns conteúdos, contudo, destacam-se mais do que outros. A instância prefacial, por exemplo, está presente em todas as edições analisadas, em maior ou menor medida. Algumas edições possuem apenas uma nota explicativa antes do texto, algumas veiculam uma apresentação melhor desenvolvida sobre o livro, e outras aglutinam esses dois tipos de texto em seu aparato crítico. Além disso, alguns desses prefácios são reeditados, de forma que os prefaciadores da edição de 1956 são os mesmos da edição de 1961, assim como o prefácio da edição de 2010 reaparece na edição de 2017. Também é interessante uma possível discussão da ficcionalidade de *O cemitério dos vivos*, quando se percebe a presença do subtítulo “memórias” nas edições de 1956, 1961 e 2004, característica que parece sugerir uma tentativa editorial de classificação genológica do livro a partir de uma indicação genérica (“memórias” como em “romance”).

Além disso, destaca-se a questão do retrato do autor, veiculado em todas as edições a partir de 2004. Quanto a isso, mais do que questionar o porquê desse retrato não constar na edição de 1993, interessa observar qual tipo de retrato foi escolhido em cada edição. Isso porque das poucas fotos que temos de Lima Barreto, são muitas aquelas que advêm dos seus documentos de internação no HNA. De tal forma que, para esta pesquisa, existem dois tipos de retratos de Lima: o do “Escritor”, isto é, aquele em que o romancista aparece bem trajado e sorridente, registrado antes dos traumas manicomiais; e o do “Alienado”,

no qual está sério e enxuto, com o uniforme de paciente, já institucionalizado no hospital. Dessa maneira, constatamos que apenas as três últimas edições possuem essa característica editorial: em 2004, vemos o “Escritor” logo nas primeiras páginas (ver “Imagem A”); em 2010, há a mudança para o “Alienado”, em uma foto da segunda internação (ver “Imagem C”); e em 2017, permanece o “Alienado”, mas agora o leitor também depara-se com uma foto da primeira internação, em 1914 (ver “Imagem B”), que aliás ilustra a capa dessa edição, a mais atual e a que ainda recebe reimpressões.

2.1. Análise dos prefácios das edições consultadas

Quanto às edições propriamente ditas, convém voltar à questão dos prefácios, uma vez que todas contêm essa categoria de paratexto (ver “Tabela 02” e “Tabela 03”). Assim, começamos por analisar a “Nota prévia” da primeira edição, de 1953. Esse texto, assinado por Francisco de Assis Barbosa, primeiro biógrafo de Lima Barreto, limita-se a um caráter mais expositivo e editorial. Curto, o prefaciador, que também é o editor, dedica-se a apresentar “a parte mais importante da obra inédita”⁶ daquele que é “o criador de Policarpo Quaresma”,⁷ isto é, Lima Barreto. Por sua vez, *O Cemitério dos Vivos* é referenciado como “romance que [o autor] deixou inacabado”,⁸ revelando uma primeira classificação do gênero literário do livro em questão. De acordo com a teoria dos paratextos editoriais de Gérard Genette, esse é um prefácio *tardio*,⁹ *alógrafo*¹⁰ e *autêntico*.¹¹

Em “Lima Barreto”, prefácio de Eugênio Gomes para a edição de 1956, e retomado pela edição de 1961, encontramos um texto de intenção muito mais biográfica. Nele, o prefaciador preocupa-se em apresentar a figura de Lima Barreto, suas trajetórias íntima, na boêmia carioca; social, no seu emprego na Secretaria da Guerra; e literária, pela notável influência dos escritores russos, como Dostoievski e Turguêniev, e pelo forte personalismo dos seus romances *à clef*. O autor aqui é “um inconformado”,¹² “humilhado e ofendido”,¹³ mas também um “autodidata de vida desarvorada”,¹⁴ cujo idealismo levou-o à frustração,

6. BARBOSA, Francisco de A. “Nota prévia”. In: BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo, SP: Mérito, 1953, p.03.

7. *Idem*.

8. *Idem*.

9. Porque foi feito para “a edição original tardia de uma obra que tenha ficado inédita por muito tempo” (GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê, 2009, p.156)

10. Porque foi escrito por “uma outra (terceira) pessoa” (GENETTE, G. *op. cit.*, p.159)

11. Porque é atribuída por uma pessoa real, reconhecida (Francisco de Assis Barbosa) e, nesse caso, que assina o prefácio (Cf. GENETTE, G., *op. cit.*, p.160).

12. GOMES, E. “Lima Barreto”. In: BARRETO, L. *O cemitério dos vivos: memórias*. Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo, SP: Brasiliense, 1956. 291p. (Obras de Lima Barreto, 15).

13. *Ibid.*, p.10

14. *Idem*.

Tabela 01. Características gerais das edições de *O Cemitério dos Vivos* analisadas.

	Ano	Título	Editora	Nº de pág.	Prefácio	Notas	Anexos	Orelhas	Retrato do autor
1	1953	<i>Diário Íntimo</i>	Mérito	330	Sim	Não	Sim	Não	Não
2	1956	<i>O Cemitério dos Vivos: memórias</i>	Brasiliense	312	Sim	Sim: finais e de rodapé	Sim	Não	Não
3	1961	<i>O Cemitério dos Vivos: memórias</i>	Brasiliense	292	Sim	Sim: finais e de rodapé	Sim	Não	Não
4	1993	<i>Diário do Hospício/O Cemitério dos Vivos</i>	Secretaria Municipal de Cultura (RJ)	224	Sim	Não	Sim	Sim	Não
5	2004	<i>O Cemitério dos Vivos</i>	Planeta	239	Sim	Sim: de rodapé	Não	Sim	Sim: "Escritor"
6	2010	<i>Diário do Hospício/O Cemitério dos Vivos</i>	CosacNaify	352	Sim	Sim: de rodapé	Sim	Não	Sim: "Louco"
7	2017	<i>Diário do Hospício/O Cemitério dos Vivos</i>	Companhia das Letras	295	Sim	Sim: de rodapé	Sim	Sim	Sim: "Louco"

Galeria de imagens 02 – Retratos do autor: Lima Barreto



Imagem A:
Meados de 1903
(SCHWARCZ, 2017:
Blog da Companhia)



Imagem B:
Internação de 1914
(Acervo do Núcleo de Memória
Institucional do Instituto
de Psiquiatria – IPUB/UFRJ)

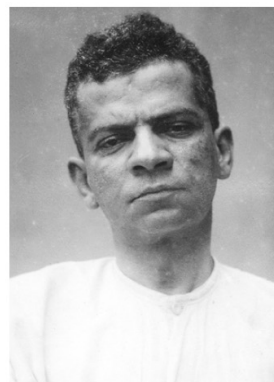


Imagem C:
Internação de 1920
(Arquivo Central do IPHAN –
Seção Rio de Janeiro)

Da esquerda para a direita: o “Escritor” (Imagem A); o “Alienado” (Imagens B e C).

Tabela 02.: Catalogação dos prefácios das edições analisadas

	Título	Prefaciador	Nº de pág.	Momento	Destinador
1	"Nota prévia"	Francisco de Assis Barbosa	02	Tardio	Alógrafo autêntico
2/3.a)	"Lima Barreto"	Eugênio Gomes	13	Posterior	Alógrafo autêntico
2/3.b)	"Nota prévia"	Francisco de Assis Barbosa [?]	03	Posterior	Alógrafo autêntico
4	"Lima Barreto, o fato e a ficção"	Ana Lúcia M. de Oliveira & Rosa Maria de C. Gens	05	Posterior	Alógrafo autêntico
5	"Confissões e fundamentos de Lima Barreto"	Fábio Lucas	10	Posterior	Alógrafo autêntico
6/7	"O cemitério dos vivos: testemunho e ficção"	Alfredo Bosi	22	Posterior	Alógrafo autêntico

Galeria de imagens 01 – Capas das edições consultadas de *O Cemitério dos Vivos*



Tabela 03. Progressão dos termos referentes ao autor e à obra nos prefácios consultados

	Referência(s) a Lima Barreto	Referência(s) a <i>O Cemitério dos Vivos</i>
1	"criador de Policarpo Quaresma"	"a parte mais importante da obra inédita de Lima Barreto"; "romance que deixou inacabado"
2/3.a)	"um inconformado"; "humilhado e ofendido"; "autodidata de vida desarvorada"; "idealista sincero"; "intelectual frustrado"; "encarnação de pícaro"	[Não há]
2/3.b)	[Não há]	"prolongamento do <i>Diário Íntimo</i> "; "seria talvez a sua obra-prima"; "um romance com a loucura por tema"
4	"pessoa solitária"; "andarilho/pensante"	"projeto inacabado de romance"
5	"fenômeno"; "entidade própria"; "autor de <i>O Cemitério dos Vivos</i> "; "leitor apaixonado"; "significador de um mundo"	"esboço"; "diário"; "romance de formação"
6/7	"alienado"; "leitor de romance"; "o internado"; "memorialista"; "escritor de cepa realista"; "escritor frustrado"; "intelectual crítico"; "homem solitário"	"testemunho"; "novela inacabada"

tornando-o muitas vezes uma “encarnação de pícaro”.¹⁵ Na análise de Gomes, não sobra espaço para *O Cemitério dos Vivos*, que volta a ser citado no prefácio que o segue, ainda nas edições de 1956 e 1961: a “Nota prévia” anônima, mas de autoria atribuível a Francisco de Assis Barbosa.

Nesse terceiro texto, muito parecido com o da edição de 1953, destaca-se o comentário sobre os limiares entre ficção e realidade em *O Cemitério dos Vivos*, e sobre a sua relação genética com o *Diário do Hospício*.¹⁶ Aliás, *O Cemitério dos Vivos* aqui, dentre outras coisas, é sugerido como sendo a possível obra-prima de Lima Barreto.¹⁷ Pela teoria de Genette, esses dois últimos prefácios são *posteriores*,¹⁸ *alógrafos* e *autênticos*.

Em “Lima Barreto, o fato e a ficção”, de Ana Lúcia M. de Oliveira e Rosa Maria de C. Gens, publicado na edição de 1993, deparamos com um texto mais sóbrio e mais impessoal. Também com intenções biográficas, esse texto diferencia-se por alçar a Obra

15. *Ibid.*, p.17

16. “Os dois manuscritos se completam, pode-se mesmo dizer que se confundem. Se é exato que *O Cemitério dos Vivos* nasceu do *Diário do Hospício*, os comentários personalíssimos deste enredam-se de tal sorte com a efabulação daquele, que se torna difícil, se não impossível, delimitar as fronteiras do real e do imaginário – problema por sinal permanente na obra de ficção de Lima Barreto, cujo grande personagem é, quase sempre, em última análise, a experiência vivida pelo próprio romancista.” (BARRETO, L. *O cemitério dos vivos: memórias*. Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo, SP: Brasiliense, 1961, p.25)

17. *Idem*.

18. Porque seguem “de muito perto a [edição] original” (GENETTE, G., *op. cit.*, p.156).

acima do Escritor no processo de formação e fixação da autoria de Lima Barreto;¹⁹ e, além disso, por realizar uma metacrítica, contestando leituras anteriores da obra barretiana pelos seus estudiosos.²⁰ O autor aqui é posto como essa “pessoa solitária”,²¹ um “andarilho/pensante”,²² e seu *O Cemitério dos Vivos* continua sendo um “projeto inacabado de romance”.²³ Trata-se de um prefácio *posterior, alógrafa e autêntico*, segundo a teoria dos paratextos editoriais.

Em seguida, em “Confissões e fundamentos de Lima Barreto”, escrito por Fábio Lucas para a edição de 2004, surge a questão do “pré-modernismo”, bem como a subsequente crítica aos contrassensos herdados da Semana de Arte Moderna de 1922. Defendendo a desvinculação do romancista dessa posição de arauto do modernismo no Brasil, o texto de Lucas transmite um reconhecimento e uma valorização da intelectualidade de Lima Barreto. Também volta-se a citar as influências russas do autor, bem como a sua breve associação com o positivismo. Contudo, é no perfil do escritor militante que Lima é posicionado nessa análise de cunho psicanalítico que parece intencionar um panorama da figura autoral barretiana no século XX.²⁴ Trata-se também de um elogio: não à toa que pela primeira vez Lima Barreto é referenciado como “o autor de *O Cemitério dos Vivos*”,²⁵ e ainda como “fenômeno” e “entidade própria”,²⁶ um “leitor apaixonado”²⁷ da literatura e de sua realidade. Seu livro continua sendo tratado pelo seu caráter inacabado: um

19. “Torna-se, assim, perceptível, através da leitura de suas obras e compreensão de suas ideias, a origem de seu delírio, um choque entre o *eu* e o mundo, ou melhor, o entrave entre o desejo de ser e a visualização da falta de possibilidade de alcançar o ideal. Ao longo do projeto de vida do escritor, encontramos a marca da falência: não conseguiu um diploma, não fez carreira na Secretaria do Exército, foi preterido em duas ocasiões em que se candidatou a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. No entanto, a obra por ele escrita foi além do seu tempo, pairando acima do fracasso, da pobreza e do delírio.” (OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de & GENS, Rosa Maria de C. “Lima Barreto, o fato e a ficção”. In: *Diário do Hospício/O Cemitério dos Vivos*. Secretaria de Segurança Pública (RJ), Rio de Janeiro: RJ, 1993, p.12).

20. “Tendendo ao psicologismo, à análise imediatista dos fenômenos ambientais, a maior parte dos estudiosos que se debruçaram sobre a obra de Lima Barreto visualizaram nela o estigma do mulato pobre, sufocado por uma realidade adversa. E somente. Essa visão, no entanto, não é suficiente para abarcar os múltiplos aspectos que se revelam através da leitura de suas obras. Embora muitas vezes nos textos de Lima Barreto possamos reconhecer personagens que se consubstanciam como um *alter ego* do autor, espelho de suas vivências e desejos, reduzi-los a uma mera reprodução do real (vivido) seria sufocá-los na insuficiência de uma leitura que não pode dar conta do fenômeno literário em profundidade.” (*Ibid.*, p.13)

21. *Ibid.*, p.12

22. *Idem.*

23. *Ibid.*, p.13

24. “Lima Barreto, ainda que apresentando um esboço moralizante de pensamento sócio-crítico, ficará na literatura brasileira como o grande elo para a compreensão do autor como significador de um mundo, dialeticamente situado entre as pressões da situação histórica que vive, e sua liberdade fundamental como escritor.” (BRAYNER *apud* LUCAS, F. “Confissões e fundamentos de Lima Barreto”. In: BARRETO, L. *O Cemitério dos vivos*, 2004, p. 13)

25. LUCAS, F. *op. cit.*, p. 07

26. *Idem.*

27. *Ibid.*, p.09

“esboço”;²⁸ mas também um “diário”²⁹ e, para além disso, um “romance de formação”.³⁰ Esse é mais um prefácio *posterior, alógrafo e autêntico*.

Por fim, veiculado nas edições de 2010 e 2017, o texto de Alfredo Bosi permanece articulando as relações entre o fato e a ficção, ou melhor, entre a autoficção e a autobiografia. Em “*O cemitério dos vivos: testemunho e ficção*”, destacam-se a forte presença do HNA como influenciador do processo de escritura de *O Cemitério dos Vivos*, bem como a própria influência de Lima Barreto nos movimentos da luta antimanicomial brasileira, no final dos anos 1980. Para além disso, o texto de Bosi estabelece uma importante substituição do gênero textual do livro em questão: o que até agora era romance inacabado, agora torna-se “matéria romanesca de uma novela inacabada”.³¹ O prefaciador, dessa vez, refere-se ao romancista como “alienado”,³² como um “intelectual crítico”,³³ mas um “escritor frustrado”³⁴ e “de cepa realista”,³⁵ como um “homem solitário”,³⁶ e mais do que tudo, como “memorialista”.³⁷ Último prefácio, o texto de Bosi é também o maior dos seis paratextos de instância prefacial coletados dentre as sete edições de *O Cemitério dos Vivos* consultadas. Como o anterior, esse prefácio é *posterior, alógrafo e autêntico*.

4. CONCLUSÕES

Compondo uma cronologia de sua publicação, percebemos que entre 1961 e 1993 não há reedições do livro em questão: um hiato de cerca de *trinta anos*. Esse é um fato intrigante não somente por conta da coincidência entre a quantidade de anos desse período com aquele em que Lima Barreto foi silenciado, mas sobretudo porque nesses dois momentos (1922-1953 e 1961-1993), guardadas as devidas proporções, o país como um todo foi silenciado por regimes totalitários. Entre 1930 e 1945, houve a Era Vargas, ditadura que perseguiu escritores, como Graciliano Ramos; e entre 1964 e 1989, houve o regime militar, que no mínimo se equiparou ao momento predecessor quanto à perseguição e opressão. Assim, lidando cautelosamente com coincidências, é compreensível associar o período de silenciamento de Lima Barreto ao período da Era Vargas, e igualmente

28. *Idem*.

29. *Idem*.

30. *Ibid.*, p.12

31. BOSI, A. “O cemitério dos vivos: testemunho e ficção”. In: BARRETO, L. *Diário do Hospício/O cemitério dos vivos*. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo M. de Moura. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.18.

32. *Ibid.*, p.8

33. *Ibid.*, p.24

34. *Ibid.*, p.14

35. *Ibid.*, p.13

36. *Ibid.*, p.19

37. *Ibid.*, p.10

identificar esse hiato sem reedições de *O cemitério dos vivos* com a ditadura militar instaurada com o golpe de 1964. Coexistindo uma vez com a opressão, o silenciamento imposto à obra de Lima Barreto se repetiu em um novo contexto opressivo? Quando olhamos para os anos entre 1961 e 1993, estaríamos olhando para um possível segundo silenciamento desse autor? A partir dos dados apresentados por este artigo, espera-se que essas perguntas sejam inspirações para o desenvolvimento de futuras pesquisas sobre o escritor de Todos os Santos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, F. de A. (2017). *A vida de Lima Barreto*, 11. ed., Editora Autêntica, SP.
- BARRETO, L. (1953). *Diário íntimo*, Ed. Mérito, SP.
- BARRETO, L. (1956). *O cemitério dos vivos: memórias*, Ed. Brasiliense, SP.
- BARRETO, L. (1961). *O cemitério dos vivos: memórias*, Ed. Brasiliense, SP.
- BARRETO, L. (1993). *Diário do hospício: o cemitério dos vivos*, Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, RJ.
- BARRETO, L. (2004). *O cemitério dos vivos: [memórias]*, Ed. Planeta, SP, Fundação Biblioteca Nacional, RJ.
- BARRETO, L. (2010). *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, CosacNaify, SP.
- BARRETO, L. (2017). *Diário do Hospício/O cemitério dos vivos*, Companhia das Letras, SP.
- CALIL, B. M. (2015). *Poéticas autobiográficas de Arthur Bispo do Rosário e Lima Barreto e suas singularidades*, 140 p.. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.
- CAMARGO, L. de C. (2006). *Silêncio em movimento: Memória e criação literária em “O Cemitério dos Vivos” e no “Diário do Hospício”*, de Lima Barreto. 102 p. Dissertação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- COMPAGNON, A. (2010). *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Editora da UFMG, MG.
- FOUCAULT, M. (2000?). *O que é um autor?*, Ed. Alpiarça, PT.
- GENETTE, G. (2009). *Paratextos editoriais*, Ateliê Editorial, SP.
- HIDALGO, L. (2008). “A loucura e a urgência da escrita”. *Alea*, v. 10, n. 2, p. 212-226.
- MAGNONI, M. S. (2014). “Do diário ao romance: ficcionalizando uma experiência limite”. *Teresa*, [S.l.], n. 14, p. 246-250.
- MARTHA, A. A. P. (2008). “Lima Barreto e a crítica (1900 a 1922): a conspiração de silêncio”, *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 220, p. 59-68.

SCHWARCZ, L. M. (2017). Lima Barreto – Triste Visionário, Companhia das Letras, SP.

SILVA, C. M. C. da (2017). Do vivido ao escrito: o testemunho de Lima Barreto em *Diário do hospício e O cemitério dos vivos*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Espírito Santo, ES.

SILVA, T. (2013). “*O cemitério dos vivos* e a distinção entre autor e personagem no campo estético”. Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli, 2, mai.

DA COSTA FERREIRA, L. (2009). “Biografia e o Biografado: reflexões sobre Afonso Henriques de Lima Barreto”. Travessias, Cascavel, v. 3, n. 1.

FREIRE, M. (2016). Literatura e experiência: a perspectiva sociobiográfica de Lima Barreto. Revista do GELNE, [S. l.], v. 15, n. 1/2, p. 471–491.

LIMA, E. B. de S. (2020). “Lima Barreto: literatura, estética e vida”. Revista Athena, [S. l.], v. 16, n. 1.

CARVALHO, F. A. de (2020). “Descentralização da vida literária, construção de autoria teórico-crítica na periferia do sistema cultural e de circulação literária”. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 22, n. 39, p. 26-36.